



## ORALIDADE, MEMÓRIA E ESPAÇO PÚBLICO EM UM MUNICÍPIO CENTENÁRIO DO SERIDÓ POTIGUAR

Julie Idália Araujo Macêdo<sup>1</sup>  
Buena Bruna Araujo Macêdo<sup>2</sup>

### RESUMO

A sociedade é remodelada pela revolução tecnológica que imprime transformações, dentre outras, nas relações sociais, na educação e no mercado de trabalho. O artigo objetiva analisar o papel das relações entre oralidade, memória e espaço público para sobrevivência do hábito cultural das conversas nas calçadas de um município centenário do Seridó Potiguar. Para o desenvolvimento da pesquisa recorre-se às discussões de cultura e *ethos* comunitário em Geertz (1989), a noção de solidariedade em Durkheim (2004), a noção de pedaço em Magnani (2002), a questão da construção da realidade social em Berger e Luckham (1979), *habitus* em Bourdieu (2009), o entendimento sobre comunidade em Tonnies (1973), relações casa e rua em Damatta (1985), a oralidade em Cascudo (1984), a conversa em Simmel (2006) calçada em Turner (1974) e Jacobs (2000); memória e narrativa em Le Goff (1996) e Benjamin (1994). O estudo se localiza dentro da abordagem qualitativa e no âmbito da pesquisa narrativa de cunho (auto) biográfico a partir de Ferarroti (2010), Delory-Momberger (2011; 2012), Bruner (2002), Larossa (2002), Passeggi (2008); realizada sob orientação da perspectiva compreensiva-interpretativa das narrativas a partir de Souza (1996). No caso específico são utilizadas duas fontes: levantamento bibliográfico e a realização de entrevista narrativa. Os resultados do estudo apontam que a conversa de calçada no pequeno município centenário resiste ao tempo e as inovações tecnológicas; além disso, exalta a relação oralidade, cultura e memória, enfatizando a educação informal tecida através do diálogo e interação que transmite, dentre outras temáticas, a história do município para as novas gerações.

**Palavras-chave:** Cultura, Educação informal, Espaço público, Memória, Oralidade.

### INTRODUÇÃO

Schaff (2001) enfatiza que vivemos na sociedade da informação e do conhecimento, com implicações tanto sociais quanto educacionais, tendo em vista que praticamente todas as esferas da vida estão cobertas por processos informatizados. Neste contexto a revolução tecnológica concentra esforços na expansão das tecnologias de informação, processamento e comunicação; desenvolvendo uma cultura global que influencia a vida social e as formas de

---

<sup>1</sup> Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [juliidalia@yahoo.com.br](mailto:juliidalia@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEsp) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (GEOPROF) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [buenaabrina@yahoo.com.br](mailto:buenaabrina@yahoo.com.br)

sociabilidade. No contexto da sociedade contemporânea, conforme aponta Bauman (2009), os laços naturais são substituídos pelos laços artificiais. Os laços artificiais são tecidos por meio da sociabilidade virtual, sobretudo pelas mídias sociais, como Facebook, Telegram, WhatsApp. Para Bauman (2004) esse processo está acarretando o desaparecimento da solidariedade humana:

[...] desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu "valor monetário". Na melhor das hipóteses, os outros são avaliados como companheiros na atividade essencialmente solitária do consumo, parceiros nas alegrias do consumo, cujas presença e participação ativa podem intensificar esses prazeres. Nesse processo, os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares (e assim também a preocupação com eles por si mesmos, e por essa singularidade) estão quase desaparecendo de vista. A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor (Bauman, 2004, p. 96).

É perceptível que Bauman (2004) expõe a fragilidade dos laços humanos na sociedade contemporânea e expõe que as relações humanas se assemelham a relação entre sujeito e objeto na sociedade de consumo, o outro se tornou descartável, praticamente um objeto substituível. Sobre a conexão virtual e as relações sociais, Bauman (2004) destaca:

[...] uma chamada não foi respondida? Uma mensagem não foi retornada? Também não há motivo para preocupação. Existem muitos outros números de telefones na lista, e aparentemente não há limite para o volume de mensagens que você pode, com a ajuda de algumas teclas diminutas, comprimir naquele pequeno objeto que se encaixa tão bem em sua mão. Pense nisto (quer dizer, se houver tempo para pensar): é absolutamente improvável chegar ao fim de seu catálogo portátil ou digitar todas as mensagens possíveis. Há sempre mais conexões para serem usadas — e assim não tem grande importância quantas delas se tenham mostrado frágeis e passíveis de ruptura (Bauman, 2004, p. 96).

Neste contexto as relações sociais tornam-se frágeis e quantificáveis, é fácil deletar um amigo virtual e substituí-lo por um novo. Em meio a tendência globalizante e o avanço das formas digitais de comunicação que afetam desigualmente os lugares (desde os grandes centros urbanos até as pequenas cidades) atenuando as diferenças; uma parcela da população consegue conservar hábitos e costumes culturais de natureza comunitária.

O estudo em pauta analisa o papel das relações entre oralidade, memória e espaço público para sobrevivência do hábito cultural das conversas nas calçadas no município de Cruzeta/RN. O município de Cruzeta, está situado na região Seridó do Estado do Rio Grande do Norte, completou 100 anos em outubro de 2020 e possui população de 8.005 pessoas conforme o último censo [2022] realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística



(IBGE). O referido município, fica à 220 km de Natal, capital do Estado, guarda em sua essência a característica tranquilidade de um lugar pacato e interiorano, que conserva traços do *ethos* comunitário. Geertz (2008) tece uma diferenciação entre *ethos* e visão de mundo:

[...] na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo "ethos", enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo "visão de mundo". O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade (Geertz, 2008, p. 92).

A bagagem cultural do sujeito molda o *ethos* e a visão de mundo, especialmente no tocante aos valores, construções e práticas que se sobrepõe na organização da vida social. Ao propor estudar o *habitus* de conversar nas calçadas enquanto uma prática de natureza cultural, adota-se a seguinte definição de cultura: “[...] sistema simbólico, metaforicamente uma teia de significados que os próprios homem criam e estão imersos, a qual é transmitida pelas gerações, seus conhecimentos e suas atividades em relação a vida” (Geertz, 2008). Embora não exista registro exato de quando começou o hábito de conversar nas calçadas, esse *modus operandi* pode está ameaçado com o avanço tecnológico dos meios de comunicação, especialmente dos aplicativos de mensagens instantâneas e em razão das questões que envolve violência e segurança que tem se intensificado inclusive nas pequenas cidades brasileiras. No estudo em pauta o sentar na calçada é entendido como hábito, tradição e, ritual transmitido de geração a geração em uma pequena cidade.

O estudo foi realizado dentro da abordagem qualitativa, no âmbito da pesquisa narrativa de cunho (auto) biográfico a partir de Ferarroti (2010), Delory-Momberger (2011; 2012), Bruner (2002), Larossa (2002), Passeggi (2008) e as análises foram realizadas sob orientação da perspectiva compreensiva-interpretativa (Souza, 1996). Dentro dos procedimentos metodológicos foram utilizadas duas fontes: levantamento bibliográfico e a entrevista narrativa. As narrativas (auto)biográficas constituem uma estratégia de pesquisa que permite captar o enlace entre os aspectos social e pessoal da história de vida do sujeito. Os informantes da pesquisa são moradores do município de Cruzeta que mantêm o hábito cultural de reunir amigos e familiares para conversar nas calçadas regularmente. O estudo compreende que esses sujeitos contribuem para materialização da relação entre oralidade, a memória e a resistência cultural popular ocorre justamente pela presença das pessoas que são responsáveis pela transmissão desse *habitus* para as novas gerações.

A definição de dois perfis de informantes faz-se necessária dada as narrativas e os percursos que cada um constrói no hábito cultural das conversas nas calçadas. Os dois grupos são: I. Idoso II. Adulto. De acordo com Abrahão (2003) ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador “[...] reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento” (Abrahão, 2003, p. 80). Além disso, ao escolher como material de análise as narrativas (auto)biográficas, é possível reconhecer o tempo e o espaço em que os sujeitos se inserem. Embora sejam relatos individuais, por meio deles é possível identificar o coletivo em virtude dos indivíduos serem frutos de constituições históricas, culturais e temporais.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O quadro teórico reúne discussões sobre a calçada, espaço social mediador, das relações entre a casa e a rua, lugar onde é tecido o hábito cultural das conversas. Berger e Luckman (1979) ressaltam a construção da realidade social, onde destaca que o homem constrói a realidade social ao mesmo tempo que é por ela influenciado. Para atingir a plenitude, o homem necessita da convivência, inicialmente da família e posteriormente de outros indivíduos. Neste sentido, a realidade da vida cotidiana é partilhada com outros:

[...] a mais importante experiência dos outros ocorre na situação de estar face à face com o outro, que é o caso prototípico da interação social. Todos, os demais casos derivam deste. Na situação face a face o outro é apreendido por mim num vívido presente partilhado por nós dois. Sei que no mesmo vívido presente sou apreendido por ele. Meu ‘aqui e agora’ e o dele colidem continuamente um com o outro enquanto dura a situação face a face. Como resultado, há um intercâmbio contínuo entre minha expressividade e a dele. (...) Contudo, nenhuma outra forma de relacionamento social pode reproduzir a plenitude de sintomas da subjetividade presentes na situação face a face. Somente aqui a subjetividade do outro é expressivamente próxima. Todas as outras formas de relacionamento com o outro são, em graus variáveis, “remotas”. Na situação face a face o outro é plenamente real (Berger; Luckman, 1979, p. 46-47).

Berger e Luckman (1979) alertam para o indescritível valor da interação social face a face. Em consonância para o estudo em pauta são indispensáveis as referências ao conceito de *habitus*. Bourdieu (2009) afirma que:

[...] ao usar a noção de *habitus* desejava colocar em evidência as capacidades <criadoras>, activas, inventivas, do *habitus* e do agente (que a palavra hábito não diz), embora chamando a atenção para a ideia de que este poder gerador não é o de um espírito universal, de uma natureza ou de uma razão humana, como em Chomsky – o



*habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural -, mas sim o de um agente em acção: trata-se de chamar a atenção para o de que falava Fichte, retomando ao idealismo, como Marx sugeriria nas Teses sobre Feuerbach, o <lado ativo> do conhecimento prático que a tradição materialista, sobretudo com a teoria do <reflexo> , tinha abandonado (Bourdieu, 2009, p. 61)

A noção de *habitus* seria a que melhor expressa a relação dos sujeitos sociais inseridos em contextos e realidades específicas. Além da discussão acerca do conceito de *habitus* que adquire uma conotação conservadora na dinâmica social, enfatiza-se as relações e interações sociais nas comunidades. As concepções clássicas de comunidade, estão fundamentadas em Tönnies (1955), Durkheim (1973) e Simmel (1979). Para esses autores a comunidade é o lugar do afeto, das relações primárias, solidariedade, da tradição, da partilha de interesse, que ocupam um território comum. A comunidade é marcada por laços de sangue, relações primárias, consenso, controle social; em contraposição a sociedade, caracterizada pela presença de relações secundárias, por convenção e anonimato (Tönnies, 1973). Os estudos de Tönnies (1973) defendem que:

[...] tudo o que é confiante, íntimo, que vive exclusivamente junto, é compreendido como a vida em comunidade (assim pensamos). A sociedade é o que é público, é o mundo. Ao contrário, o homem se encontra em comunidade com os seus desde o nascimento, unido a eles tanto no bem como no mal. Entra-se na sociedade como em terra estrangeira. Adverte-se o adolescente contra a má sociedade, mas a expressão "má comunidade" soa como uma contradição. (TÖNNIES, 1973, p. 97).

É perceptível a oposição entre a terminologia comunidade e sociedade. Tönnies (1973) considera que as características da comunidade estão relacionadas a três gêneros de comunidades: a) parentesco; b) vizinhança; c) amizade. O parentesco relaciona-se aos laços de sangue e à vida comum em uma mesma casa, mas podem não se limitar à proximidade física. A vizinhança caracteriza-se pela vida em comum entre pessoas próximas da qual nasce um sentimento mútuo de confiança, de favores etc. Dificilmente se mantém sem a proximidade física. A amizade está ligada aos laços criados nas condições de trabalho ou no modo de pensar. Nasce das preferências entre profissionais de uma mesma área ou daqueles que partilham da mesma fé, trabalham pela mesma causa e reconhecem-se entre si. Nesta perspectiva, o autor reconhece a existência de comunidades na vida urbana, para ele, a vida urbana pode ser representada pela comunidade de vizinhança.

No município centenário é perceptível que os moradores mantêm o hábito de colocar as cadeiras nas calçadas para conversar, que além de contribuir para convivência comunitária,



se constituindo em um verdadeiro *habitus* diário para toda família. Além do apontado, pode-se pensar calçadas e ruas como categorias sociológicas a partir de Magnani (1996):

[...] a idéia de trajeto permite pensar tanto uma possibilidade de escolhas no interior das manchas como a abertura dessas manchas e pedaços em direção a outros pontos de espaço urbano e, por conseqüência, a outras lógicas. Sem essa abertura corre-se o risco de cair numa perspectiva reificadora, restrita é demasiadamente "comunitária" da idéia de pedaço com seus códigos de reconhecimento, laços de reciprocidade, relações face a face. Foi afinado que o pedaço é aquele espaço intermediário, entre a casa (o privado) e o público ou, para utilizar um sistema de oposições já consagrado (Da Matta, 1979), entre casa e rua. Não é, contudo, um espaço fechado e impermeável a uma e outra. Ao contrário, é a noção de trajeto que abre o pedaço para fora, para o espaço e âmbito do público. Finalmente, os trajetos levam de um ponto a outro através dos pórticos. Trata-se de espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens (Magnani, 1996, p. 22-23).

Damatta (1985) usa a oposição rua *versus* casa para designar os traços característicos da sociedade brasileira, onde, segundo ele, a vida social “[...] transcorre num ritmo feito de tensões e compensações”, de maneira que aquilo que o cidadão não tem no universo público, ou no mundo da rua, se compensa no ambiente doméstico, e vice-versa, aumentando ainda mais a oposição casa-rua. O autor ressalta:

[...] se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define nossa ideia de “amor”, “carinho” e “calor humano”, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence “ao governo” ou ao “povo” e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é um local perigoso (Damatta, 1985, p. 40)

As características do espaço da rua se opõe, segundo Damatta (1985), ao universo da casa: enquanto a rua designa o espaço da política, da heterogeneidade, dos estranhos, *locus* dos perigos e contradições; a casa é o local dos laços de sangue, do domínio privado, das regras particulares e onde a contradição não é permitida. Acerca da oposição Damatta (1985) ressalta que “[...] estou me referindo a espaços, a esferas de significação social- casa, rua e outro mundo - que fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes. É que eles contêm visões de mundo ou éticas particulares” (Damatta, 1985, p. 33). Em cada uma dessas esferas de significação social se assumem distintos padrões de comportamentos, gestos, assuntos e papéis sociais. A calçada entendida como espaço mediador, relacional e limiar é apreciada. Jacobs (2000) salienta que a calçada é um elemento relacional: ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limítrofes a ela. Entre a casa e o mundo público há espaços de transição onde acontecem mediações entre os comportamentos específicos do espaço público e dos espaços privados. Jacobs (2000) debate os usos das



calçadas no tocante a segurança, ao contato e a integração das crianças dentro do planejamento urbano e urbanização de cidades dos EUA. O autor enfatiza o balé das calçadas e a importância das comunidades locais. Nesse sentido as calçadas são o principal local de encontro e contato entre os nativos urbanos, onde ocorrem interações entre pessoas que se conhecem e com pessoas desconhecidas. Jacobs (2000) ressalta:

[...] as ruas das cidades servem a vários fins além de comportar veículos; e as calçadas – a parte das ruas que cabe aos pedestres – servem a muitos fins além de abrigar pedestres. Esses usos estão relacionados à circulação, mas não são sinônimos dela, e cada um é, em si, tão fundamental quanto a circulação para o funcionamento adequado das cidades (Jacobs, 2000, p.30).

Os diferentes assuntos discutidos e os acontecimentos que ocorrem nas calçadas são compartilhados enquanto “assunto público”. A comunicação entre a casa e a rua ocorre por meio de interfaces mediadoras. Em conformidade com Victor Turner (1974) realça-se os atributos de liminaridade:

[...] ou de personae (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam nem aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial (Turner, 1974, p.117).

Nas conversas nas calçadas os assuntos públicos e privados se misturam e tecem um desenrolar próprio. Se o hábito cultural da conversa nas calçadas perpassa décadas na história do município de Cruzeta a memória é aliada imprescindível dessa prática. O historiador Le Goff (1996) compreende a História como a forma científica da memória coletiva e a memória é a “[...] propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1996, p. 423). Em relação a memória e suas interfaces como instrumento para evidenciar ou silenciar histórias no decorrer do tempo, enfatiza-se que:

[...] a memória é histórica na medida em que a recuperação das vivências não é feita de forma cronológica, linear, mas sim mediante a mistura de acontecimentos que ocorreram em diferentes momentos do passado. A lógica das lembranças é a da emoção. O que é narrado vai dizer das relações familiares, sociais, culturais (Kenski, 1994, p. 48).

A relevância do narrar para sobrevivência do hábito das conversas nas calçadas é intrínseca. Benjamin (1994): “[...] contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas”. O ato narrativo organiza a experiência humana, pois “[...] se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 1994, p. 205). Portanto, o hábito cultural das conversas nas calçadas é transmitido de geração a geração por meio da oralidade e da prática cotidiana que processa uma educação informal.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo enaltece a conversa nas calçadas enquanto hábito cultural persistente e resistente ao tempo e as inovações tecnológicas dos meios de comunicação. Especialmente na cidade pequena a conversa se desenvolve “[...] no interesse da própria sociabilidade (Simmel, 2000, p.15). Ressalta-se a oralidade e o poder da palavra para a transmissão da cultura popular promotora da educação informal. A ideia de lugar se sobressai no estudo, posto que esse conceito das ciências geográficas dialoga com as questões de resistência do hábito cultural, ligado aos lugares afetivos e especiais da história de vida das pessoas. Conforme Tuan (2013) explana “[...] os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” (Tuan, 2013, p. 12). No Quadro 1 estão expostos os relatos narrativos (auto)biográficos das entrevistadas:

Quadro 1 – Narrativas (auto) biográficas

PARTICIPANTE	RELATO (AUTO)BIOGRÁFICO
Lírio, 58 anos, professora aposentada	<i>Moro nessa rua a 35 anos, nasci em Cruzeta e me criei por aqui mesmo. Quando pequena mudávamos bastante de endereço, sabe como é, família do interior, muitos filhos e muitos gastos, demorou bastante para meu pai finalmente adquirir uma casa própria. Sou da época que brincar na rua, de tica cola, era comum, do tempo que ir até a praça da igreja fazia parte da rotina de praticamente toda a população da cidade. Cidade pequena, todo mundo se conhece e sempre tem assunto para conversar. Já é uma tradição de longa data sentar e conversar. Assunto do tempo presente ou do passado. Sempre tem assunto para se colocar em dia. Quando não vamos ao centro da cidade é rotina sentar nas calçadas, junto aos vizinhos, amigos e familiares para conversar sobre tudo que se possa imaginar. Hoje em dia as coisas estão modernas, conversamos na calçada, mais também sempre temos o celular por perto com os grupos do Zap Zap sempre informando o que ocorreu e assim tendo mais assunto para colocar em dia na calçada. Aqui em casa toda noite sentados na calçada e quando alguém não senta a falta é sentida e já pensamos que está doente. Eu não saberia finalizar o dia sem pegar a brisa da calçada, faz bem sabe para cabeça para desopilar.</i>
Jasmin, 35 anos, professora	<i>Sento na calçada desde a infância, mais precisamente desde que me entendo por gente. Algo comum para mim, ensinado pelos meus avós e pais. Mesmo após adulta continuo com este hábito na minha vida cotidiana. Já que as manhãs são ensolaradas e de trabalho, geralmente é no fim da tarde, no pôr do sol ou no que chamam depois que o sol esfriar, que nos reunimos na calçada. De segunda a sexta é n tarde o fim da tarde e</i>

	<p><i>com duração menor que vou para calçada, mas no fim de semana o hábito é mais longo e vai até altas horas, já que no interior a paz ainda reina e a violência é pouca. Na infância sentava na calçada para escutar a conversa dos mais velhos e brincar com as crianças da vizinhança. Depois de adulta sento para conversar, fofocar, trocar dicas de donas de casa: receitas, dicas de limpeza. Hoje o babado, como se diz, é acompanhado do celular, mas mesmo assim sentar na calçada não caiu no desuso. Há dias que até optamos por jantar na calçada para não perder as novidades. As vezes a brisa, as vezes o frio ou o calor, até a garoa fininha nas acompanha. Do sussurro, as vozes escancaradas e até gargalhadas altas dão o clima. Há calçadas mais vazias e outras mais lotadas, mas dificilmente totalmente vazias nas noites no interior. Os olhos, os ouvidos e até as pontas dos dedos (para teclar no celular) estão sempre atentos e em ação para não deixar nada passar despercebido. O telefone sem fio das calçadas é uma potência infinita de notícias condizentes com a realidade e histórias mal contadas, mas jamais caladas.</i></p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Os relatos do Quadro 1 ressaltam que o hábito de conversar nas calçadas é antigo e transmitido por gerações, sobrevive em meio as inovações tecnológicas e dialoga com o estilo de vida tranquilo da cidade pequena. Ressalta-se que as mudanças estruturais e sociais das últimas décadas decorrente da globalização promove a cultura mundial que tenta homogeneizar as relações sociais, porém os municípios interioranos e sertanejos guardam aspectos do mundo rural e comunitário que resiste ao tempo. Em sintonia Simmel tece apontamentos sobre a vida no centro metropolitano e na cidade pequena.

[...] com cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. É precisa mente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível — enquanto oposição à vida de pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. Estes últimos se enraízam nas camadas mais inconscientes do psiquismo e crescem sem grande dificuldade ao ritmo constante da aquisição ininterrupta de hábitos (...) o tipo metropolitano de homem — que, naturalmente, existe em mil variantes individuais — desenvolve um órgão que o protege das correntes e discrepâncias ameaçadoras de sua ambientação externa, as quais, do contrário, o desenraizariam. Ele reage com a cabeça, ao invés de com o coração (Simmel, 1979, p. 12).

Simmel (1979) destaca os reflexos da vida na metrópole na saúde mental. Em contrapartida Bauman (2009) enfatiza a dissolução da solidariedade na sociedade contemporânea:

[...] quando a solidariedade é substituída pela competição, os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues aos próprios recursos – escassos e claramente inadequados. A corrosão e a dissolução dos laços comunitários nos transformaram, sem pedir nossa aprovação, em indivíduos de jure (de direito); mas circunstâncias opressivas e persistentes dificultam que alcancemos o status implícito de indivíduos (de fato) (Bauman, 2009, p. 21).

Nos momentos de sociabilidade, a oralidade enquanto uma prática discursiva seduz interlocutores pelos seus traços marcantes: lugar da espontaneidade, do relaxamento, até do descuido em relação as normas da língua padrão. Cascudo (1984) ressalta que a literatura oral presente na história das sociedades, para falar de uma ordem de conhecimento não-oficial – tradicional, oral, anônimo, independente de ensino sistêmico.

Os relatos narrativos do Quadro 1 reforçam a presença do *habitus* dos cruzetenses de colocar cadeiras nas calçadas para conversar em diferentes momentos da história de vida das entrevistadas. Damatta (1985) apresenta a "casa" e "rua" enquanto categorias sociológicas para os brasileiros, palavras que não designam simplesmente espaços geográficos, mas acima de tudo, entidades morais, esferas de ação social e domínios culturais e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, músicas e imagens. Entre a casa e a rua situam-se as calçadas enquanto espaços, transitórios ou limiares, que recebem tratamentos especiais e são um dos lugares onde podemos observar a vida social. Magnani (2002) denomina o espaço intermediário entre a rua e a residência de pedaço: é quando, de um lado, a casa se abre para fora e, de outro, a rua se torna mais acolhedora: do encontro, da interseção entre ambos é que surge o pedaço.

A calçada pode ser entendida a partir da noção de pedaço (Magnani, 2002) que mantém um diálogo com a dicotomia “rua versus casa” de Damatta (1985), essa noção revelou um outro domínio de relações; enquanto a casa é o domínio dos parentes e a rua, o dos estranhos, o pedaço evidencia outro plano, o dos “chegados” que, entre a casa e a rua, instaura um espaço de sociabilidade de outra ordem. A calçada, nas cidades pequenas, pode ser entendida como espaço de interação em que as pessoas se encontram, criam novos laços, em suma, estabelecem redes de sociabilidade. A frequência da conversa reforça seu poder gerador da realidade, mas a falta de frequência pode às vezes ser compensada pela intensidade da conversa, quando esta se realiza. Segundo Berger e Luckman (1979):

[...] o veículo mais importante da conservação da realidade é a conversa. Pode-se considerar a vida cotidiana do indivíduo em termos do funcionamento de um aparelho de conversa, que continuamente mantém, modifica e reconstrói sua realidade subjetiva'. A conversa significa principalmente, sem dúvida, que as pessoas falam umas com as outras. Isto não nega o rico halo de comunicação não-verbal que envolve a fala (Berger; Luckman, 1979, 202 - 203).

A oralidade é tomada como um dos traços culturais do povo nordestino, no que concerne à defesa dos valores culturais, ferramenta da transmissão oral das histórias e promotora da educação informal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo lançou um olhar antropológico, educacional e histórico sobre o papel das relações entre oralidade, memória e espaço público para sobrevivência do hábito cultural das conversas nas calçadas no município de Cruzeta/RN. Os resultados do estudo apontam que o hábito da conversa de calçada no pequeno município centenário resiste ao tempo, as inovações tecnológicas e aos aplicativos de mensagens instantâneas (conectado à internet) disponível em multiplataformas. Além disso, é exaltada a educação informal tecida através do diálogo e interação que transmite as tradições e os hábitos para as novas gerações. Infere-se que a tecnologia e as diferentes possibilidades de comunicação não substituirão a conversa presencial e olho no olho. O hábito é resultado de uma ação repetitiva, resultado da experiência acumulada pela população, que é socialmente reforçado e transmitido. Portanto, os espaços de sociabilidade, de aprendizagem, de troca e diálogo processam uma educação informal e indispensável para a formação integral do homem.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. **Memória narrativas e pesquisa autobiográfica**. Revista História da Educação, 14, 2003.
- BERGER, P. L.; LUCKMAN T.. **A construção social da realidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BENJAMIN, W. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOUDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.
- CASCUDO, L. Da C. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.



DAMATTA, R. **A Casa & a Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

DELORY-MOMBGERGER, C. **Abordagens metodológicas na a pesquisa biográfica.** Revista Brasileira de Educação. v.17, n.51, p. 523-536, set.-dez, 2012.

DELORY-MOMBGERGER, C. **Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v.27, n.01, abr. 2011.

DURKHEIM, É. **Da divisão do trabalho social.** São Paulo: Martins Fontes, 1973.

FERRAROTTI, F. **Sobre a autonomia do método biográfico.** In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: ed. Guanabara, 1989.

JACOBS, J. **Morte e vida das grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KENSKY; V. **Memória e ensino.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo. n.90. p. 45- 51, ago, 1994.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** In.: Revista Brasileira da Educação. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

LE GOFF, J. **História e memória.** 4ª ed. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

MAGNANI, J. G. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana** in Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.17. n.49, junho de 2002.

MAGNANI, J. G. C. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole** In: Magnani, J. G. C. & TORRES, L. de L. (Orgs.) Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

PASSEGGI, M.C.; SOUZA, E.C. (Orgs.) **(Auto) Biografia: formação, territórios e saberes.** Natal: EDUFRN, 2008.

SCHAFF, A. **A sociedade informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial.** São Paulo: Brasiliense/UNESP, ed. 4, 1993.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMMEL, G. **A Metrópole e a vida mental.** In VELHO, O. G. **Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TÖNNIES, F. **Comunidade e sociedade como entidades típico ideais.** In: FERNANDES, F. (org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

TURNER, V. W. **O processo ritual.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1974. |